

## Editorial



Indira Nahomi Viana Caballero

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

indiranahomi@ufg.br

O volume 4 (2023) da revista Hawò reúne importantes colaborações acerca do patrimônio cultural, como de costume. A começar pelo artigo da antropóloga Jane Beltrão em coautoria com duas lideranças de movimentos indígenas, Uwira Xakriabá e Yssô Truká, “Terra indígena é vida: patrimônio de inestimável valor”, cuja questão central é a noção de terra para os povos indígenas, compreendida como uma “mãe” com a capacidade de fazer viver e de acolher quando seus filhos já encerraram suas missões em vida. Longe da noção objetificadora de recurso natural, a terra toma contornos capazes de produzir um movimento político e epistêmico que segue o pensamento dos intelectuais indígenas. Já o artigo “Histórias afloradas: questionamentos sobre as coleções domésticas de artefatos arqueológicos da Amazônia”, de Helen Suany Monteiro Miranda, Dâmaris Pereira Nogueira e Helena Pinto Lima, traz reflexões sobre o patrimônio arqueológico a partir da prática do colecionamento de cerâmicas arqueológicas na Amazônia, mais precisamente da trajetória de uma coleção doméstica desde seu local de origem, no município de Terra Santa, Oeste do Pará, até o Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém. As autoras argumentam que o ato de colecionar não apenas é uma forma de usufruir do patrimônio arqueológico, mas também um ato de proteção e de atribuição de valores afetivos enfatizando, assim, uma dimensão humana e sensível das coleções. Ainda no âmbito das coleções museais, Vitor Ramlow de Souza e Sandro Santos problematizam a criação do Museu Pomerano Franz Ramlow, em

Vila Pavão (ES), em 2005, um processo que, na prática, projetou o discurso da importância dos patrimônios culturais desde uma perspectiva das autoridades como da própria população local. Contudo, uma vez em funcionamento, a experiência mostrou o quão difícil é, do ponto de visto prático, manter um museu para que a instituição não caia no abandono. A pesquisa dos autores mostra que mobilização social e políticas de patrimônio andam de mãos dadas.

A materialidade, dessa vez não de uma perspectiva museológica, é o tema central do artigo de Diogo Menezes Costa que sublinha como ela tem ultrapassado fronteiras do conhecimento e sido pensada a partir da relação entre humanos e não humanos, instaurando um debate que descortina novas formas de compreender a vida e as relações entre os humanos e o mundo ao redor. O autor recupera um diálogo com importantes referências teóricas e tece reflexões – movimento inspirado pela arqueologia e também pela antropologia – acerca de objetos cotidianos com frequência despercebidos mas que, se tomados com maior atenção, são fundamentais para a construção das identidades culturais. A continuidade da vida e as relações entre humanos e não humanos são também abordadas por Gustavo Tavares Alves em seu artigo “Aprendendo a arte de ser veaco: uma etnografia de diálogos mais que humanos”, baseado em pesquisa etnográfica de longa duração em uma localidade rural no interior de Goiás. A partir dos relatos de sua avó e outros familiares, o autor recupera algumas noções que desestabilizam a divisão entre natureza e cultura, como a de que a lua governa a terra e de que os animais são pagãos. A “arte de ser veaco” sublinha outra forma de se relacionar com o entorno, que em muito se distancia da domesticação e do controle da paisagem, e aponta para uma necessidade de atenção profunda dos humanos para com uma

infinidade de outros seres que compõem o mundo e, finalmente, constituem o que se entende por humanidade neste contexto.

O dossiê intitulado “Sobre dores e ressentimentos: patrimônios em perspectiva crítica” é composto por três artigos e dois ensaios visuais. Em “Por uma etnografia das sensibilidades: histórias, memórias e antropologias”, Túlio Fernando Mendanha ressalta seu interesse em relacionar pesquisa acadêmica e busca pela sensibilidade e coetaneidade desde uma mirada multidisciplinar. Já Dayana Gomes Pereira, em “O que esse silêncio tem a me dizer”, coloca em relação o fazer científico e as histórias de vida de duas mulheres negras. Nesse processo em que escuta (da pesquisadora) e narrativas (das interlocutoras) são vistos como cruciais para a produção de conhecimento, a escrita emerge como uma ferramenta potente e fundamental para o registro de oralidades femininas. O tema da escuta se repete em “Estratégias indígenas de memória e patrimônio na internet: uma etnografia online do podcast Wyka Kwara”, de autoria de Fernanda Barbosa. No artigo, o programa é visto como veículo de preservação do patrimônio indígena na medida em que proporciona o amplo compartilhamento de diferentes experiências de dor e resistência diante de diversos tipos de violência racial e étnica, sendo por isso mesmo muito importante do ponto de vista político. O dossiê abre com um ensaio visual de Ema Pires, e é encerrado por outro, de autoria de Juliana Pereira. O volume conta ainda com a resenha de Mariana Bhering do livro “A invenção da Amazônia”, de Neide Gondim.